

## 5 poemas de **Gabriel Resende Santos**

### **inspiração**

meus mestres estão todos mortos. não sobra um único mestre  
pra me explicar kant, spinoza, milton santos e eletromagnetismo.  
meus mestres morreram no final do século xix/início do século xx.  
de sífilis. de cirrose. suicídio. meus mestres estão todos mortos  
e alguns felizes finalmente. devia dizer que os mestres  
são eurídice e orpheu, felizes e realizados – aliança de casamento  
e nem rastro de serpente. devia dizer em outra língua  
em grego em mandarim em hebraico em mallarmaico. devia  
orquestrar um tumulto alquímico em legiões de frases soltas.  
mas  
meus mestres estão todos mortos.  
não sei se os mestres todos já conheceram os pés do grande demiurgo  
mas os meus mestres conhecem. imploram. são feios e dementes  
e em vida eram sem valor e sem amigos e sem conquistas. mestres  
de ninguém. de nada. agora meus mestres estão  
contando anedotas para os outros mestres. o maior de todos em seu  
gigante labirinto confessando fantasmagorias  
para o confuso rei dos geógrafos e astrônomos. meus mestres são uns clowns  
e gostam da corda. meus mestres estão  
ainda mais mestres  
e ainda mais mortos.

## cinzas

a colombina assombrada  
pelo barulho lá fora  
meu carnaval  
quebrando mais uma janela

os torsos em busca da vela roxa e sólida  
de meu carnaval  
queimam-se e esfregam-se na lenha  
que o bebê de tarlatana rosa ajuda a queimar  
com seu nariz de pinóquio

vestindo a inocência com uma máscara  
pra desfilar no rio torto  
meu carnaval  
é o suor modificado pela chuva  
baiana traída pelo atraso do vendaval

vidro que corta o pé  
e que não tira sangue mas tira susto  
meu carnaval  
é um bate-bola problemático assoprando  
noite nos ouvidos das crianças

arruaceiro que pula o muro  
e arromba a porta

meu carnaval  
levanta tonto  
cadê o uísque cadê a festa  
serpentinando aleijado até achar  
sem surpresa  
as páginas da própria biografia.

### **num dia de fúria**

(ou numa tarde de cão)

as tropas de homens de ferro fundido  
carregando suas peles de bronze  
e suas pálpebras imaginadas  
vão trocar suas formações na base  
do centro cultural banco do brasil  
e sair à rua para estuprar as ausências  
do centro marginal de um rio poluído

as fúrias de pedra entretêm  
os mendigos e pivetes com suas insuspeitas  
e inatravessáveis espadas de protesto  
no instante mesmo em que um tatari gami  
de lodo e medo e borracha e vidro  
abrir seus dentes para todas as esperanças  
que se realizem em crônicas mofadas

ou folhetos avisando liquidações.

num dia de homem (ou de cão)  
num dia de deus pão gormley  
de sirenes de bombeiro e zumbis  
telepatas navios flutuantes zoroastros  
fantasmas infalíveis rasgos orelhados  
60 espartanos trocarão de pele  
qual a serpente dos sábados vitais  
pra me ensinar na irrupção de altruísmo  
a contar de um a um milhão.

### **cinografias**

Na poltrona, desperto. Os ruídos  
soprando grandes triângulos.  
Pirâmides. Cilindros. Em  
filas de cinema vislumbrei os pesados volumes  
da terra sem lei. No Odeon as mímicas automáticas  
de luminosas tesouras de titânio, cortando os tickets  
amarelos. As musas sob a pesada lona  
exaltavam Wagner e as danças de mãos juntas.  
As musas não se entendiam. Forçavam a trilha-sonora  
nos narizes. Nas testas. Onde assinavam as cifras  
e o roteiro da obra-prima. Na poltrona, sabia ser Gigante

e subtrair espíritos em pequenos grunhidos. Era permitido  
obter a glória na cabeça do vilão. As palavras flexíveis  
viriam das bocas das ninfetas e bem antes das letrinhas.  
Porque as musas são de bronze. Porque o céu é de couro.  
E depois, porque o depois é fim, na última nota do violino e  
no último crédito de figurante, todas as películas do sonho  
se tornam uma una e imensa gota corporal  
fugindo de olhos entreabertos.

### **um poema que podia ser conto sobre o crime do sol**

o sol nas festividades  
de seu dezembro particular  
descobriria que o próprio brilho  
não era dos maiores

depois da descoberta  
o semblante anêmico  
(febre amarela?)  
era de dar pena

enfurecido  
ele que nunca enfrentava as  
outras estrelas  
vizinhos ignorantes

bullies que maldosamente o apelidavam  
bolinha de tênis  
preferiu agir sobre as  
formigas terráqueas  
especialistas em opressão

em duas noites  
(um dia)  
arrancou metade de suas vistas

bem-sucedido  
o sorriso que abriu depois  
era ainda mais brilhante que o de suas colegas celestes

pras formigas  
o sorriso pela metade tinha um quê  
de político.

**Gabriel Resende Santos** nasceu em 1994 no Rio de Janeiro. Acredita em Whitman e Rimbaud, mesmo sem assumir religião. É autor do livro Elevador (Patuá, 2014).